



O CINEMATÓGRAFO NA PROVÍNCIA OCEÂNICA: O CINEMA CHEGA AO RECIFE COMO SÍMBOLO DA MODERNIDADE

THE CINEMATOGRAPHER IN THE OCEAN PROVINCE: THE CINEMA COMES TO THE RECIFE AS A SYMBOL OF MODERNITY

Felipe Pereira da Silva Davson

felipedavson@hotmail.com

Resumo

O presente artigo tem como proposta analisar a chegada dos primeiros aparelhos cinematográficos na cidade do Recife, no fim do século XIX. Para a organização deste trabalho, as principais fontes utilizadas foram os jornais da época. Buscou-se assim, perceber a interação socioespacial da cidade com o mundo, tendo em vista que inventos como estes não poderiam ficar de fora de um contexto histórico que almejava o progresso em voga no século XIX. Entender como se deu a introdução dos aparelhos cinematográficos, será assim objeto principal da investigação da pesquisa em curso. Apresentar-se-ão no decorrer do trabalho questões importantes para compreender o que foi o advento do espetáculo cinematográfico no Recife.

Palavras-chave: Recife; Cinema; Modernidade

Abstract

This article aims to analyze the arrival of the first cinematographic devices in the city of Recife, at the end of the 19th century. For the organization of this work, the main sources used were the newspapers of the time. It was sought to perceive the socio-spatial interaction of the city with the world, considering that inventions like these could not be left out of a historical context that aimed for the progress in vogue in the nineteenth century. Understanding how the introduction of the cinematographic apparatus was given will thus be the main object of the investigation of the research in progress. During the course of the work, important questions will be presented to understand what was the advent of the cinematographic spectacle in Recife.

Keywords: Recife; Cinema; Modernity

Introdução

O século XIX foi um século de mudanças, tanto econômicas, sociais, quanto culturais, em várias partes do globo, sobretudo na França (WEBER, 1988). A modernidade começou a ganhar destaque entre a sociedade em rápido crescimento. O Iluminismo e a Revolução Francesa configuraram seus ideais (HOBSBAWM, 2015). O romantismo ganhou fôlego, e o positivismo iniciou seu percurso de caráter cientificista. O progresso toma conta das mentes mais eufóricas. O capitalismo se instala e fornece a ideia de uma vida próspera e nova, como salienta Mattos (2009), o ritmo do mosteiro cai no esquecimento, o tique-taque do relógio agora é o mestre do tempo.

Em meio a um turbilhão de novidades, equipamentos são construídos para aumentar a percepção e o estudo científico, em crescimento, mas ao longo do tempo acabaram virando um entretenimento popular (CRARY, 2012). Como o daguerreotipo, aparelho usado para fotografar as pessoas no século XIX, muito conhecido na Europa, chegou ao Brasil na época do Império (1822-1889) em meados dos anos 40. Porém não era a única novidade, já que com a Revolução Industrial e o aprimoramento de novas técnicas, aparelhos como esse foram produzidos em escala maior e alcançando terras distantes da qual fora produzido.

No Recife, não foi diferente, a cidade provincial do século XIX, viu na Rua Nova, antiga Barão da Victória, um espaço movimentado e pulsante da cidade se transformar em vários pontos para a produção de fotografias. Esse, como outros aparatos tecnológicos ópticos foram ficando cada vez mais em contato com o público. O cinema, filho da modernidade, chega a terras brasileiras no final do século XIX, e em pouco tempo desembarca no porto recifense. Lugar este, que será analisado.

Pode-se verificar que em algumas cidades já existem pesquisas mais concisas sobre o tema. São descobertas inovadoras para a compreensão dos avanços tecnológicos que se davam na época, desses aparelhos ópticos que viraram febre entre as diversões que circulavam. Regiões como Teresina (OLIVEIRA, 2013), Aracaju (MAYANARD, 2014), Porto Alegre (TRUTZ, 2010), Bahia (SETARO, 1976), Rio de Janeiro e São Paulo (ARAÚJO, 1976) conhecerem o cinema em diferentes momentos.

Por fim, no caso do Recife, continua sendo um período com grandes lacunas, sem uma averiguação mais profunda. Toda essa discussão fomenta ainda mais o interesse a respeito de como se deu o advento do cinema na cidade e quais suas implicações. Essas questões contribuirão ainda mais para o resgate da memória e a História do espetáculo cinematográfico. A principal fonte para que se consiga uma melhor definição são os jornais da época, onde

circulavam as notícias sobre as primeiras projeções e os primeiros lugares onde tais equipamentos ficavam exibindo filmes. Alguns jornais serão analisados para a compreensão do tema. Por fim se buscará neste artigo tentar investigar quando se deu a introdução do cinema na cidade do Recife.

A modernidade ao longo do século XIX

O século XIX, na sua primeira metade, observou nítidas influências de acontecimentos recentes, como o Iluminismo e a Revolução Francesa, “a revolução dupla”, como dito por Hobsbawm (2015), além das novas mudanças no cenário industrial. A razão científica em busca do progresso criou novas formas de ver o mundo e de modificá-lo. O homem é quem cria o seu próprio tempo, quem passa a trilhar o caminho da sua vida. A busca pela modernidade se intensificou. “Enquanto a renascença e o iluminismo haviam procurado ver o mundo em perspectiva, como um todo, o homem moderno tentava descobrir seus segredos nos detalhes” (WEBER, 1988, p. 179).

Mas o que seria essa modernidade e o que ela traria de novo para a sociedade? Para Berman (1986), a modernidade é um tipo de experiência vital, que modifica nossa percepção de tempo e espaço. Essa experiência do ser moderno e de sua modernização pôde ser sentida nas transformações urbanas, no surgimento das ferrovias, crescimento das cidades, aumento do processo de industrialização, dentre outros fatores.

A paisagem assim, ganha novos contornos, segundo Berman “a atmosfera da agitação e turbulência, é a atmosfera que dá origem à sensibilidade moderna” (2007, p. 28). Essa sensibilidade vai ser percebida por diferentes perspectivas e áreas, como exemplo, pela arte, tendo como um dos nomes mais importantes, o crítico literário e poeta Charles Baudelaire (1821-1867).

Para Baudelaire (2010) a “modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável”. Uma bela definição do que viria a ser o pensamento moderno, com sua fissura em relação ao Antigo Regime, em busca pelo novo, mas sem com isso, conseguir eliminá-lo por completo. Essa passagem mostra como o século XIX surge aos olhos dos seus moradores, como definiu Renato Ortiz (1991, p. 18) “os homens da época também possuíam uma clara consciência do movimento que os afastava do passado”.

É essa fascinação pelo novo, pela aventura da modernidade e de seus caminhos contraditórios, pela busca do progresso que surge no século XIX o cinema, uma máquina feita para iludir os corações mais racionais e para encantar os mais emotivos.

O cinema ganha forma

Com a busca de novas técnicas para projetar a imagem e fazê-la se movimentar, não demoraria muito para isso acontecer, e em meados dos anos 90, do século XIX, Thomas Edison, juntamente com uma equipe de cientistas nos EUA, sobretudo Dickson, fora criado um equipamento batizado de Kinetoscópio, que seria um objeto de um metro e vinte centímetros, onde no seu interior poderia ser visualizadas imagens em movimento, como uma luta de boxe ou imagens diversas. Esse invento inicialmente era visto em locais onde o público era em sua maioria trabalhadores e pessoas pobres, em locais chamados de *vaudevilles* (SKLAR, 1975).

Locais para o entretenimento da “massa” e para conhecer aparelhos novos no mercado do entretenimento, como diz Silvio Da-Rin:

No final do século XIX, época marcada pela exaltação dos processos técnicos, sucessivos aparelhos de captação e reprodução de imagens em movimento foram apresentados, ao lado de outras invenções elétricas e mecânicas, nas exposições universais, feiras industriais e salões de novidades. (...) A curiosidade do público pela novidade técnica durava um breve período. A partir daí, a afirmação destes dispositivos no campo do entretenimento dependia de uma permanente renovação dos programas de filmes (DA-RIN, 2004, p. 29).

Esse invento aos poucos foi ganhando notoriedade entre o público pela ilusão da realidade e das imagens em movimento, mas durante alguns anos outros equipamentos foram sendo construídos e aumentando a concorrência e dentre essas “lanternas mágicas”, uma se destacou o “cinematógrafo” dos irmãos Lumière na França (RITTAUD-HUTINET, 1995). Além de projetar em tamanho maior e assim ser um evento coletivo, ao contrário do kinetoscópio, que era visto individualmente, o cinematógrafo podia filmar, gravar e projetar ao mesmo tempo, facilitando assim o trabalho para produzir fitas e exibi-las.

Os irmãos Auguste e Louis Lumière, físico e químico, inovaram, e no final do ano de 1895, em um café de Paris, para algumas pessoas, projetaram algumas películas. Precisa-se lembrar que essa notícia é a mais divulgada, porém quase simultaneamente em outros lugares, aparelhos de projeção foram sendo feitos ou aperfeiçoados para competir com outros equipamentos ilusórios (Da-Rin, 2004). Assim que o cinematógrafo dos Lumière chegou aos EUA, Edison criou um equipamento similar para a concorrência estrangeira, como diz Da-Rin:

Em abril de 1896, pressionado pela iminente chegada do cinematógrafo aos Estados Unidos, Edison adotou apressadamente o Vitascópio para fazer sua primeira projeção em tela. O programa era composto de cinco filmes feitos em

estúdio e apenas uma vista filmada em exterior, produzida na Inglaterra por Robert Paul: *Rough Sea At Dover* (DA-RIN, 2004, p. 33).

Com essa corrida pelo mercado de entretenimento, diversas máquinas alcançaram lugares distantes e, além disso, proprietários de estabelecimentos começaram a perceber um público crescente nesse projetor de imagens. Charles Pathé¹ foi um deles, seu nome ficou conhecido em vários países, como exemplo o primeiro cinema fixo do Recife não por acaso vai se chamar Cinema Pathé.

Enquanto nos Estados Unidos a proliferação de “poeiras”, lugares onde eram colocados os aparelhos para exibição se multiplicavam rapidamente, na Europa aconteceu o mesmo. Os Estados Unidos, no começo do século XX, já eram autossuficientes no lucro. Uma pesquisa observou que em 1906, já existia só em Nova York, mais de quatro mil salas de exibição (SKLAR, 1975).

Foi nesse período que a construção da indústria cinematográfica foi se consolidando e tornado os contornos da produção-distribuição e exibição que se conhece atualmente. Claro, com suas particularidades, já que a maioria dos proprietários dos cinemas eram os próprios produtores e empresários do ramo do cinema. Assim, com a rápida proliferação dessa indústria que novos mercados foram surgindo, como o Brasil, visto abaixo.

O cinema ambulante chega ao Brasil

Esse aparelho, o cinematógrafo foi sendo produzido e comercializado para outros países chegando ao Brasil em 1896, sete meses após a primeira exibição na França. Segundo Sussekend (1987), a invenção de Edson já era conhecida no país, o Kinetoscópio, inicialmente nas cidades do Rio de Janeiro e em São Paulo. Sendo possível a sua datação, por pesquisas feitas em jornais da época.

O cinematógrafo dos Lumière chega ao Rio em 8 de julho de 1896, várias reportagens podem ser visualizadas, como essa:

Conforme vejo anunciado, brevemente teremos ocasião de admirar o cinematografo, uma das maravilhas deste fim de século. Todos nós vimos o Kinetoscópio de Edison, o qual reproduz o movimento por meio da passagem rápida, em frente à retina, de uma série de fotografias instantâneas. Mas no Kinetoscópio as figuras eram pequeninas e só uma pessoa de cada vez podia

¹ Charles Pathé foi fundador da Société Pathé Frères, fundada em 1896, empresa responsável pela confecção de filmes, além de ser uma das primeiras empresas a passar noticiários antes dos filmes, dominou boa parte da indústria cinematográfica até a primeira guerra mundial, onde, posteriormente os EUA assumiram a liderança cinematográfica no globo.

apreciá-lo. O cinematographo, inventado pelos irmãos Lumière, apresenta-nos as figuras em tamanho natural, podendo ser vistas por um numero qualquer de espectadores (Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, p. 1, 21 jun. 1896).

Logo após o Rio de Janeiro, outras cidades recebem o atrativo visual, como Salvador (SETARO, 1976), Porto Alegre (TRUTZ, 2010), São Paulo (ARAÚJO, 1987), Recife, entre outras. Não só o Kinetoscópio e o cinematógrafo, como outros projetores entraram nos países, como uma invenção moderna, logo algo que traria ares de curiosidade e admiração.

Recife: uma província oceânica

Quando se fala em Recife, precisa-se falar em Pernambuco, pois essa cidade tem um longo histórico de lutas e posições políticas e econômicas que se entrelaçam para uma melhor compreensão do quem vem a ser o espaço urbano desta região. Sem esquecer, sobretudo, da interligação com outras regiões ao longo dos anos, como o Sudeste e porque não, com o cenário mundial.

Essa formação social da cidade do Recife se baseia, segundo Denis Bernardes (1996), em pelo menos três fatores, o primeiro relacionado à passagem de uma economia agrária para uma urbano/industrial capitalista. O segundo é de como essa região se coloca nessa mudança estrutural agrária para industrial, e por último, esta cidade não é autônoma entre si, mas atrelada a fatores historicamente ligados ao capital mercantil colonial.

A região Nordeste, sobretudo Pernambuco, foi importante na produção de açúcar. Como disse Paul Singer (1977, p. 274) “Recife foi fundada e se desenvolveu em função do açúcar”. Durante quase três séculos, a plantação de cana de açúcar foi sua principal moeda comercial. A Zona da Mata, uma mesorregião desse Estado, foi onde se instalou a maioria dos engenhos. Com a saída dos holandeses no século XVII e posteriormente, novas plantações nas Antilhas feitas por eles, à concorrência no mercado açucareiro fez com que Pernambuco perdesse espaço, não se recuperando mais e agravando sua crise, com alguns crescimentos esporádicos. Segundo Levine:

O declínio econômico começou no início do século XIX, quando a crescente competição dos cultivadores estrangeiros fez baixar o preço do açúcar no mercado internacional e cortou o valor das exportações do Nordeste pela metade. Ao mesmo tempo, descobria-se ouro em Minas Gerais, e o centro do crescimento dinâmico da economia começou a deslocar-se para o Sul. Tão rápido foi o processo que já em 1850 o Sul suplantara o Nordeste em renda *per capita* (LEVINE, 1980, p. 57).

As mudanças ocorridas no cenário comercial faziam-se necessárias, mas como observou Levine (1980), isso não se fez logo presente, já que muitos proprietários de terra, de engenhos, decidiram concentrar mais ainda suas propriedades. Além de não investirem como deveriam em avanços tecnológicos, deixando a região cada vez mais longe da competição capitalista mundial por novos mercados e consumidores.

Mas como ficava a região portuária da cidade do Recife, já que a produção do interior era direcionada para a exportação? Logo mudanças urbanas se faziam necessárias, e o crescimento populacional já era notado pela elite, já que “no século XIX, a população da cidade aumentou substancialmente, e em 1872, 100 000 pessoas viviam dentro dos limites urbanos” (LEVINE, 1980, p. 44). Com esse número populacional a cidade ganha novos contornos. Para Bernardes, ela é:

Por excelência, um espaço construído, ou seja, um espaço de edificações indispensáveis ao abrigo de seus habitantes, dos bens que comercializa, produz e consome, dos serviços públicos e privados que são um dos fatores essenciais de sua existência. Não edificação do espaço urbano inscreve-se, visível e monumental, sua geografia social, política, econômica (BERNARDES, 1996, p. 126).

A cidade passa a buscar a sonhada modernidade, mas com vários problemas, os principais políticos do Recife, são donos de usinas ou engenhos. O antigo com o novo se misturam, a dificuldade de encontrar um caminho que leve ao progresso gera confusões. Nisso, altera a própria ideia de cultura. Já que em meados da década de 1880, o crescimento urbano do Recife, dinamiza a cultura sertaneja, muito forte devido ao cultivo de açúcar da zona da mata (LEVINE, 1980).

Assim, a vida no Recife, com novos valores urbanos, influenciada pela elite da capital, começa a copiar modas vindas de fora. Segundo Sandro Vasconcelos (2011), essa imitação acaba ocasionando especificidades do próprio local, além de serem definidos valores do que deveria ser preservado ou mesmo destruído, em favor do progresso.

O porto do Recife, lugar importante no cenário local e nacional em relação ao comércio, teve melhorias significativas em 1908, feitas pelo governo federal, passando para uma empresa francesa pouco depois, a *Construction Du Port de Pernambouc*. Essa reconstrução urbana teve como principal fator melhorar o transporte, as vias comerciais, o centro do Recife e a ligação com o porto para fins de exportação e importação. Mas segundo Levine (1980), essa “modernização” acaba agravando diferenças sociais, pois a eletricidade nas ruas, o fornecimento

de água, primeiro eram instaladas no centro e posteriormente adentravam as áreas rurais. Para ele:

A maior parte da população estava excluída das instituições de mobilização cultural que acompanhavam o crescimento dos centros urbanos, escolas, clubs, mesmo sindicatos; limitados ao número relativamente pequeno de trabalhadores de emprego fixo e cuidadosamente vigiados pelas autoridades. (...) A expressão cultural permitia aos nordestinos esconder-se da irrupção dos valores modernos e oferecia, a alguns pelo menos, um meio de lidar com eles. A firmeza da elite em preservar a sua identidade regional-e, com ela, a ênfase na ordem e na estabilidade- ajustavam-se à visão pluralista de região e do país, que amadureceu sob estrutura política do federalismo depois de 1889 (LEVINE, 1980, p. 117).

Isso obviamente acarretou profundas mudanças na vida social e cultural da cidade, visto que, boa parte da população era excluída dos atrativos culturais, criando ainda uma forma distinta de diversão privada e pública entre as classes. Já que era a elite que detinha o poder de ditar a moda, os costumes e quando uma diversão coletiva chegava à cidade, ocasionava um problema. Pois essa modernização dos hábitos gerava uma sociabilidade até antes não vivida (VASCONCELOS, 2011).

Mas não se pode esquecer que mudanças ocorriam em todo o cenário nacional e internacional, logo no Recife não seria diferente, visto sua ligação com tais esferas. É nesse contexto que o cinema, ou melhor, os primeiros aparelhos cinematográficos desembarcam na cidade.

A imagem engana os recifenses

Com poucos registros do final do século XIX referente à chegada dos aparelhos fílmicos, há uma dificuldade em estabelecer um marco inicial das primeiras exhibições no Recife. Porém, pode-se observar que antes mesmo da chegada dos aparelhos ópticos, já se tinha uma ideia do que acontecia no mundo, através de colunas de alguns jornais da época, que noticiavam eventos ou criações tecnológicas. Uma reportagem de 5 de outubro de 1884, do *O Jornal do Recife*, consta com o título *Kinetophonographo*:

Ao aparelho registrador de sons, que se conhece, junta-se agora o que registra os movimentos. O principio do Kinetophonographo (aparelho registrador) e do Kinetoscopio (aparelho reproductor) é dos mais simples. Com a velocidade de 40 a 50 vistas por segundo, toma-se uma serie de fotografias dos objectos que se querem reproduzir. Essas imagens são desenvolvidas e projectadas em seguida, por meio do Kinetoscopio, sobre um anteparo ou expostas directamente aos olhos com uma velocidade correspondente. Como o intervalo entre as

protographias sucecssivas é tão curto que não pode ser apreciado pela vista, esta percebe uma só imagem continua. Estes aparelhos funcionam em Nova York pretendendo os inventores combinar o Phonographo com o Kinetophonographo, de modo que obtenham assim a reproducção simultânea dos movimentos e dos sons. Os resultados já obtidos neste sentido são os mais satisfatórios e o exige completo não é mais do que uma questão de tempo (Jornal do Recife, Recife, p. 3, 5 out.1894).

Este registro em uma das colunas do jornal mostra como se via esse aparelho recém-chegado da cidade de Nova York, ou seja, já informava a invenção de Edison, fabricado em meados de 1890. O escritor começa informando o aparelho que produz sons, que seria provavelmente o *phonografo*, agora com o *kinetophonographo*, que registra as imagens, grava e em seguida o *kinetoscópio*, o que reproduz e como os dois juntos funcionavam.

Ainda relata os mecanismos para se ver as imagens, chamadas na época de “vistas”, que giram em torno de quarenta a cinquenta fotografias por segundo. O informe traz as primeiras impressões da ilusão óptica ao ver várias imagens serem passadas rapidamente e com isso se reproduzir cenas diversas. No final, ainda informa da tentativa da sincronia entre ambos os aparelhos e que em pouco tempo essa fusão será perfeita. Uma opinião que demoraria um pouco a se concretizar, mas acabaria sendo profética.

Em outro jornal, num sábado, em vinte de abril de 1895, o *Jornal do Recife* publica uma nota extensa sobre o Kinetoscópio, intitulada de *O Kinetoscópio de Edison* (da revista comercial Americana), essa nota como a anterior, informa como funciona as máquinas e como são passadas as imagens, elogia o senhor Edison pelo invento e comenta uma exposição que aconteceu em Chicago, onde o este equipamento iria dar o seu show.

Impressiona a riqueza nos detalhes de todo o aparato técnico do aparelho para se projetar as figuras, o uso da eletricidade para que a máquina funcione, um dos problemas do limite do seu uso em várias regiões, já que nessa época o Brasil ainda era carente em energia elétrica, com lugares limitados com iluminação. Ainda informa que qualquer pessoa pode manejar o equipamento. Mas um trecho dessa passagem merece destaque:

É necessário ver funcionar o Kinetoscopio para poder comprehender seu valor. As descrições dão apenas uma ideia do que realmente é esta invenção, pois o Kinetoscópio reproduz as scenas da vida tal e como se effectuaram, perpetuando assim os acontecimentos, de sorte que nossos descendentes poderão ver a representação gráfica e animada de qualquer dos sucessos mais notáveis de nossa época. Assim como o Phonographo nos faz ouvir de parentes e parentes ausentes ou que hão deixado este mundo, assim o Kinetoscópio nos faz vel-os com a mesma naturalidade como quando estamos vivos (Jornal do Recife, Recife, p. 2, 20 abr. 1895).

O escritor da reportagem ao mencionar a necessidade do telespectador para ver o valor do aparelho, deixa claro a sua admiração e encantamento do que viu. Informa a proximidade das vistas com o que acontece no dia a dia, a sua verossimilhança com o real. Já se pode com isso, de forma muito prematura, dar um caráter documental (FERRO, 2010) para o cinema, ao declarar essa finalidade da máquina enquanto registro para as gerações futuras. No decorrer da matéria, enaltece novamente o inventor, e que em breve seria sincronizado com o *phonographo*, iria-se ter imagem e som sincronizados e em perfeita reprodução.

Essa nota se assemelha a anterior feita meses antes pelo menos jornal, ambas referindo de forma positiva para o kinetoscópio. Outro ponto da reportagem é o tipo de cena que pode ser vista nesses filmes:

Vistas e scenas de todas as partes do mundo podem ser reproduzidas. Tudo o que é animado pode ser fotografado e reproduzido exctamente ao natural. Desde o fumo de um charuto que sobé em pansadas espiraes, até a estrepitosa cataracta do Niagara; desde a corrente pacifica de um rio, até as borrascosas ondas do oceano, tudo pôde ser photographado e em seguida fielmente reproduzido pelo Kinetoscópio (Jornal do Recife, Recife, p. 2, 20 Abr.1895).

Como se deu a reação desse aparelho mágico na terra de aristocratas, em uma época de várias mudanças na cidade em busca da modernização que chegou ao país no século XIX e se intensificou no começo do século XX. Tendo como destaque nos primeiros filmes, imagens de carros e trens e suas movimentações rápidas, ou lugares desconhecidos para quem nunca viajou, como cenas de diferentes lugares do globo. Assim, despertava curiosidades dos telespectadores que assistiam.

Segundo Roberval Santiago (1995), um anúncio de 1897, fala do *vitascopio* e na notícia o anunciante sugere que o público não despertou tanto interesse no aparelho novo que surge na cidade:

Vitascopo-realizou-se anteontem a estreia desse maravilhoso aparelho, uma mais recente invenção do grande Edson. O aparelho que nos foi mostrado e que vimos funcionar, nós a figura muito aperfeiçoado e reproduz as vistas com admirável nitidez. Nosso público não perderia tempo indo apreciar o admirável invento (Diário de Pernambuco, p. 3, 28 jan. 1897).

Como dito, o aparelho bem elogiado pelo escritor do anuncio, já insinua que o público recifense não perderá seu tempo indo ver tal invento de Edson, provavelmente o kinetoscópio, já que se dão vários nomes para o aparelho na época. Porém essa falta de interesse logo é

modificada, em alguns meses, outros anúncios se observa um maior gosto pelo público. Tendo mais divulgação e boa recepção, que pode ser explicado pelo historiador Sklar:

O que emocionava o público das primeiras projeções de tela grande não eram números de vaudeville, mas cenas nunca vistas no interior de um teatro, ondas do mar que açoitavam nas rochas, locomotivas que avançavam, as maravilhas da natureza e das máquinas, sítios distantes, espetáculos raros e insólitos (SKLAR, 1975, p. 8).

As companhias que circulavam pelo país, as primeiras internacionais, depois nacionais, criaram um comércio de equipamentos, sendo vendidos para alguns estabelecimentos ou companhias menores, sobretudo no ramo do entretenimento. Propiciando um avanço na popularidade do cinema no território nacional, e uma demanda grande por essa nova invenção.

O *Jornal da Cidade*, que data de setembro de 1896, anterior ao citado por Roberval, informa que o senhor Lyra, então proprietário de um *Kinetographo*, fazia exhibições na cidade. A notícia ainda informa que Pernambuco é o primeiro Estado brasileiro a receber tal equipamento:

O Lyra tem estado nestes últimos dias feliz com o seu kinetographo. O público tem concorrido de modo animador, sendo para admirar a bella sociedade que se tem reunido para assistir o desempenho daquelle tão maravilhoso quanto custoso aparelho. No sábado deu-nos o Lyra uma linda vista da bailarina que agradou sobremodo. (...) Aproveitem os que souberem apreciar um artístico trabalho. Pernambuco é o primeiro Estado brasileiro que conhece o Kinetographo (*Diario de Pernambuco*, p. 3, 22 set. 1896).

Como dito anteriormente, houve uma corrida pelo comércio do cinema itinerante e sua propagação em locais de divertimento público, além do senhor Lyra, outro senhor chamado Edouard Hervert, vindo da Paraíba, fez apresentações com um cinematógrafo dos Lumière, excursionando pela cidade, tendo feitos sessões no Teatro Santa Isabel em 1904. Percebe-se que no início do século as propagandas e os aparelhos foram se fortalecendo comercialmente, assim esclarece Azevedo “Percebemos que o cinema foi, paulatinamente, infiltrando-se nas estruturas do cotidiano (...) é já desse período que teremos o crescente comércio da indústria cinematográfica e conseqüentemente do consumo desses filmes” (2003, p. 74).

Logo os jornais passavam a quase que diariamente anunciar novas sessões, incluindo a programação e mesmo os horários da exibição, além de que quando se termina a diversão coletiva, bondes passariam para respectivas áreas, para que o público pudesse chegar a casa sem problemas. Isso é importante de ser analisado, pois os lugares que mencionam geralmente são Casa Amarela, Várzea e Apipucos, bairros mais elitizados comparados com outros mais pobres (LEVINE, 1980). Logo se percebe que no Recife o primeiro público a frequentar as salas

exibidoras temporárias eram pessoas mais abastadas ou aqueles que pudessem pagar o ingresso, que custava em torno de 12 contos de réis. Algo caro para a época.

Assim, o cinema vai entrando na vida dos recifenses, um dos principais propagadores do cinema na época, eram os jornalistas e a elite letrada, que podiam descrever encantamento ou estranheza em relação à invasão do cinema. Outro ponto era a publicidade, fotografias, cartazes eram colocados em jornais e em frente a sala de exibição para atrair o público (AZEVEDO, 2005).

O cinema passa a ser responsável por mudanças, pois, como conviver em um mesmo ambiente, e ele podia proporcionar isso, já que era uma diversão coletiva. Como dito, inicialmente no Recife, os mais abastados eram os que iam ver os filmes, isso não impedia que alguns poucos trabalhadores se arriscassem ao ganhar o que tinham para conseguir ver por alguns minutos, imagens em movimento. Ou seja, por um breve período um rico e um pobre podiam desfrutar dos mesmos sonhos, magias, encantos. O cinema gera impacto nos modos de compreensão e nas sensibilidades de que o assiste (RODRIGUES, 2003).

O cinema vai ditando modas, vestidos, comidas, com o passar dos anos, os filmes vão ficando mais elaborados, mais longos, e com isso atores começam a aparecer diante das câmeras para loucuras das mulheres, assim como as atrizes levam os homens à loucura, o *star-sistem* chega a Recife. Isso por volta dos idos de 1912, mas um pouco antes o cinema deixa de ser ambulante ou itinerante e passa a ser fixo, com uma sala permanente só para exibição de filmes, sobretudo de filmes franceses, só durante a primeira guerra que o cinema norte americano ganha terreno e se consolida como o principal exibidor de filmes, dado visto até os dias atuais (SARAIVA, 2013).

A vida recifense tenta seguir o ritmo moderno, a exportação de produtos internacionais não para, nem mesmo a *Belle Époque* francesa escapa a *Belle Époque* pernambucana, para Bernardes a:

Cidade portuária teve durante longo tempo seu ritmo de vida determinado por suas ligações oceânicas. Produtos, ideias, valores, instituições vieram e continuaram a vir do além-mar como do além-mar vieram componentes étnico/culturais fundamentais. Sua originalidade provém justamente da recriação – conflituosa- de suas vinculações com uma cultura externa de mistura com a estruturação sócio-política de seu próprio espaço. Sua riqueza cultural está em ser uma **província oceânica** (BERNARDES, 1996, p. 129).

Logo essa província oceânica observou que os cinemas ganharam espaço entre os recifenses, várias salas surgiram como a *Pathé*, a *Royal*, *Helvetica*, dentre outras, salas essas que inicialmente abriam no centro, e passaram a surgir em bairros mais distantes como em Casa

Amarela ou Afogados (SARAIVA, 2013). Assim, o público cada vez mais crescente e devido à concorrência das salas, o preço dos ingressos torna-se mais popular e o espectador ficou mais diversificado. A cidade pode então se sociabilizar e esquecer seus problemas e suas lutas por alguns minutos em uma tela, com as luzes apagadas.

Considerações finais

O cinema é um elemento social, logo analisar a sociedade através da história social do cinema propicia diferentes análises sobre o espaço na qual ele faz parte, nesse caso da cidade do Recife, importante centro comercial, desde o século XVI, que incorpora uma vida noturna e passa a frequentar lugares de exibição no final do século XIX, mais precisamente no ano de 1896.

Com o passar dos anos, novos equipamentos cinematográficos chegam à região, fazendo uma competição por exibições, até surgirem salas fixas em 1909 para o deleite do público. Plateia essa, composta inicialmente pela classe mais elitizada e posteriormente, com o advento de novas salas e a preços populares, um público mais comum, de trabalhadores e curiosos.

Assim, buscou-se analisar a cidade do Recife no fim do século XIX e como a as primeiras informações por parte da imprensa, foram noticiadas, já que são os únicos registros que se tem dessa época, para entender a dinâmica social em que viviam os recifenses e como foram pegos por este novo invento moderno e como ele chegou tão rápido a terras tidas subdesenvolvidas, as chamadas regiões periféricas do globo.

O trabalho proposto, por fim, analisou alguns poucos jornais, mas com uma busca mais aprofundada, novas informações podem surgir. Esse estudo serviu como uma forma de abrir novos caminhos para futuras pesquisas sobre a história do cinema em Pernambuco, lugar de forte produção cinematográfica, mas de pouco estudo sobre como o espaço de lazer e entretenimento, no caso, as exibições de filmes foram importantes para que os primeiros cineastas da região, nos anos vinte, se inspirassem a produzir seus próprios filmes.

Referências

ARAÚJO, Vicente de. Paula. **A bela época do cinema brasileiro**. São Paulo. Perspectiva. 1976.

AZEVEDO, Veruschka. **Entre a tela e a platéia**: considerações sobre o comércio de cinema no início do século XX nas “terras do café”. ARTCULTURA, VOL 5, nº6, janeiro- junho de 2003- Uberlândia- MG/ Brasil.

AZEVEDO, Veruschka de Sales. **As reações ao cinema**: o impacto do cinema no cotidiano. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERNARDES, Denis. **Recife: o caranguejo e o viaduto**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade o pintor da vida moderna** / Charles Baudelaire; [organizador Teixeira Coelho]. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX**. Rio de Janeiro. Contraponto, 2012.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido**. Rio de Janeiro. Azougue Editorial, 2004.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

HOBBSAWM, Eric J; **A Era Dos Impérios 1875-1914**; tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão técnica Maria Celia Paoli. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015.

LEVINE, Robert. **A Velha Usina** - Pernambuco na federação brasileira, 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MAYANARD, Andreza. “**Presepe de Sombras**” em Aracaju (Sergipe – Brasil): Uma reflexão sobre exposições cinematográficas no início do século XX. Rev. Hist. UEG - Anápolis, v.3, n.1, p. 131-142, jan./jun. 2014.

MATTOS, M. F. S. C. G.. **O Sentido da Modernidade no imaginário do século XIX**. Dobras (Barueri, SP), v. 3, p. 96-103, 2009.

OLIVEIRA, Josi de Souza. *et al.* **A arte do demônio? O cinema e os literatos em Teresina (PI) no início do século XX**. Cordis. História e Literatura, São Paulo, n. 10, p. 249-283, jan./jun. 2013.

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade: a França no século XIX**. São Paulo: Editora brasiliense. 1991.

RITTAUD-HUTINET, Jacques. **Os irmãos lumière: a invenção do cinema**. São Paulo: Scritta, 1995.

RODRIGUES, Eliane A. Silva. **Cinema e História** - um olhar cultural sobre os espaços de sociabilidades. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

SANTIAGO, Roberval. **Cinematógrafo pernambucano: a jornada da transgressão, do sonho e da sedução**. Dissertação de Mestrado na área e História Sociocultural. UFPE. 1995.

SARAIVA, Kate. **Cinemas do Recife**. Recife: Funcultura, 2013.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 1977.

SETARO, André. **Panorama do cinema baiano**. Salvador: FUNCEB/ Coordenação de Imagem e Som, 1976.

SKLAR, Robert. **História social do cinema americano**. Editora Cultrix LTDA. São Paulo. 1975.

SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras**: literatura, técnica e modernização no Brasil- São Paulo: companhia das letras, 1987.

TRUTZ, Alice. **Entre lanternas mágicas e cinematógrafos**: as origens do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre 1861-1908. – São Paulo: Ecofalante. 2010.

VASCONCELOS, Sandro. **Quando o Recife sonhava em ser Paris**: a mudança de hábitos das classes dominantes durante o século XIX. Saeculum – Revista de história [25]; João Pessoa, jul/dez. 2011.

WEBER, Eugen. **França fin-de-siècle**. São Paulo: Editora Schwarcz. 1988.

Jornais consultados

Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 21.6.1896.

Jornal do Recife, Pernambuco, 04.10.1894.

Jornal do Recife, Pernambuco, 20.04.1895.

Diário de Pernambuco, 22.09.1896.

Diário de Pernambuco, 28.01.1897.